

A negligência dos médicos em relação ao idioma

Carlos R. Souza Dias*

Não pretendo que os médicos que publicam artigos em nossas revistas científicas, que proferem conferências ou apresentam simples temas livres nos nossos congressos ou que dêem aulas nas nossas faculdades sejam também literatos ou professores de português. Mas não é admissível que pessoas que pertençam a uma classe intelectual, que se propõem a transmitir as suas idéias ou os seus conhecimentos sobre assuntos científicos ou, simplesmente, a ensinar medicina aos mais jovens, cometam tantos e, às vezes, tão elementares erros de português. Há os que nem sequer são capazes de transmitir coerentemente os seus pensamentos, oralmente ou por escrito. Infelizmente, esse é um mal muito difundido atualmente no meio médico.

Tenho ouvido argumentos, daqueles que não sabem falar ou escrever, de que o idioma é dinâmico, deve acompanhar a evolução tecnológica, adaptar-se às exigências do povo que o utiliza. Meras tentativas de justificar a sua imperdoável ignorância. É claro que, com a evolução da ciência, novos termos precisam ser incorporados ao vocabulário, assim como muitas coisas devem ser mudadas com o tempo, se não ainda escreveríamos farmácia com ph. Mas é também claro que a evolução do vernáculo não pode pautar-se pela linguagem das classes incultas, que, infelizmente, predominam no nosso país. Se assim fosse, teríamos de incorporar à gramática expressões como “tem gente que...”, “eu lhe amo”, tão a gosto da maioria dos compositores de música popular, “há um ano atrás...”, “nós vai passear”, “há meninas gente” etc. Poderíamos, então, eliminar os cursos de português e aposentar as gramáticas.

Não, o argumento é falso, insincero. Pretende apenas mascarar uma falha que aquele que o usa sabe possuir mas tem preguiça de superar, pois para isso teria de estudar. A prova disso é o fato de que essas pessoas adotam imediatamente certos erros que estão muito em moda e que, para os desavisados, dão a impressão de lin-

guagem erudita. Parece muito mais elegante dizer patologia que doença. Doença é o “zé povinho” quem diz, o cientista deve dizer patologia: “A ceratite é uma patologia muito freqüente”. Não sabem que patologia é o estudo das doenças e não sinônimo de doença, enfermidade ou moléstia.

“Devido à opacidade do vítreo, não foi possível visualizar a retina” - ouço frases como essa com exasperante freqüência. Digo aos que a empregam que eu consigo visualizar qualquer retina, mesmo com os olhos fechados. Visualizar é ver com a imaginação, independente da transparência do vítreo. O que o colega quer dizer é que não conseguiu ver, enxergar, lobrigar ou entrever a retina.

Imitando discursos de políticos e radialistas ou artigos de jornalistas despreparados, repete-se a todo momento a expressão “a nível de ...”. Os políticos dizem “a nível ministerial”; os oftalmologistas, “a nível de vítreo”. Em primeiro lugar, não se encontra “a nível de” em nenhum dicionário, mas “ao nível de”, para designar à mesma altura, ou ainda **em** ou **no** nível. Em segundo lugar, o emprego que dão ao vocábulo nível é muitas vezes inadequado. Por que “a nível do vítreo” e não “no vítreo”? Nível dá sempre idéia de horizontalidade ou de altitude, em sentido físico ou numa escala de valores (pessoa de nível universitário).

Moda que seria até cômica, se não fosse pela gravidade do problema, é a de eliminar o artigo definido de frases como “sofreu um traumatismo em olho direito”, “apresenta desepitelização em córnea”. Por que, então, esses colegas não dizem “pus a comida em boca” ou “deitei-me em cama”? Porque, como ouviram tais barbaridades proferidas por alguém que consideram autoridade, crêem que estão falando eruditamente.

Citei apenas alguns exemplos: poderia citar muitos mais.

Parece que, felizmente, as autoridades educacionais estão tomando consciência desse descabro, criado por elas mesmas, ao descuidarem durante tanto tempo o ensino do idioma, e estão tentando corrigir o erro, exigindo

* *Livre Docente de Oftalmologia – Escola Paulista de Medicina.
Professor Pleno de Oftalmologia – Fac. de Ciências Médicas - Santa Casa de São Paulo*

mais das escolas quanto ao ensino da língua e aumentando o rigor dos exames de português nos vestibulares. Mas isso diz respeito ao futuro, à geração que se está formando agora. Quanto aos mais idosos, que aí estão tentando degenerar o idioma com o seu exemplo, pouco se pode fazer além de reclamar, como estou aqui fazendo.

Mas há uma providência saneadora que pode ser adotada pelas revistas da especialidade. Solicitar dos colegas membros dos conselhos redatoriais que, ao lerem os trabalhos enviados para publicação, se interessem também por essa questão, além da parte científica, ou contratem pessoa entendida para fazer as correções. Estou seguro de que isso viria elevar o padrão desses periódicos.

Lembro-me de uma carta que enviei, há algum tempo, à seção "Correspondence" da revista *American Journal of Ophthalmology*, comentando certo artigo anteriormente publicado por um autor norte-americano. Assim como o faz sempre, a revista, antes de publicar a

minha carta e a resposta do autor, enviou-me uma prova, para eventual correção. O revisor criticava a palavra "comitant" que eu havia empregado, dizendo estar eu enganado, pois somente podiam encontrar em seus dicionários o termo "concomitant". Além de expor-lhe os meus motivos para o emprego de "comitant", citando artigo por mim e pelo dr. Cássio Galvão Monteiro sobre o assunto, nos Arquivos Brasileiros de Oftalmologia (vol.46(6): 154, 1983), tive de enviar-lhe cópias de trabalhos publicados pelo dr. Arthur Jampolsky, autoridade por ele reconhecida, o qual utiliza o termo "comitant", para que ele concordasse em publicar a palavra como eu desejava. Isso mostra o cuidado que aquela revista, cujo elevado padrão não podemos deixar de reconhecer, tem para com a correção idiomática dos artigos que publica. Imitêmo-la, pois, e estaremos preservando um valioso patrimônio que é a nossa língua. A comunicação entre cientistas exige absoluta precisão, o que somente pode ser conseguido através de um idioma bem utilizado.

Agora no Brasil

A Alcon de olho na cirurgia

Sistemas cirúrgicos oftálmicos MVS da Alcon Surgical



MVS XIV - Cirurgias do segmento anterior
MVS XII - Cirurgias do segmento posterior
MVS XX - Cirurgias do segmento anterior e posterior
MVS XXX - Facoemulsificador

Linha completa com acessórios

Linha MVS Alcon Surgical
Para todos os cirurgiões de visão

Maiores informações -
Alcon Laboratórios do Brasil Ltda.
Tel. (011) 268-7433 - Ramal 316

Alcon
Linha Cirúrgica